

ainda acredito que não atravessará a sessão. A votação na Câmara tem sido uma série de disparates e o orçamento está sendo feito, não à tesoura, mas à goma-arábica. Todos os dias cortam um impôsto e ajuntam uma concessão. O que sairá dessa confusão?

O negócio do montepio tem-me incomodado muito, desde que minha Mãe perde metade da sua pequena renda.

O meu amigo André Rebouças, que passou uma semana em Brighton, volta amanhã para Londres e irá logo procurá-lo. Êle atravessou uma crise grave, da qual se achá perfectamente restabelecido. O profundo conhecimento que êle tem dos negócios de engenharia do Brasil pode ocasionalmente ser útil à legação. Está visto que não lhe toquei no *Paraná*, mas essa é uma especialidade dêle, que pode lhe dar boas informações.

Peço-lhe que me ponha aos pés da Baronesa, para quem a companhia do futuro Nelson (1) deve ter sido durante a viagem causa de imenso prazer, e me creia sempre, meu caro Barão, o amigo dedicado com que conta e do qual está certo. Muitas e muitas saudades.

JOAQUIM NABUCO.

### *Ao dr. Oliveira Lima*

*Oliveira Lima, jovem pernambucano, futuro historiador e diplomata, travou relações com Nabuco quando, no princípio da vida, era jornalista no Recife.*

*Anos mais tarde a carreira diplomática os uniria em Londres, onde Nabuco, quando foi assumir a chefia da legação, encontrou Oliveira Lima exercendo a encarregatura de negócios no posto de primeiro secretário. Ali desenvolveu-se entre êles excelente convivência e amizade, até que Oliveira Lima foi nomeado ministro no Japão e para lá partiu.*

*Já então — e disso há freqüentes referências nas cartas de Nabuco — muitos julgavam Oliveira Lima, pela sua brilhante inteligência, destinado aos mais altos postos da diplomacia e, em dia não distante, a figurar à testa do Itamarati.*

---

(1) O comandante Alfredo de Carvalho Moreira, filho do barão de Penedo.

*De temperamento combativo, porém, Oliveira Lima, inteiramente avesso à prudência diplomática, prejudicou seu esperado destino e por suas próprias atitudes foi ao encontro de dissabores que o desgostaram da carreira, da vida pública e, finalmente, até da pátria, à qual não quis tornar. Um dos dissabores aos quais certamente deve ter sido mais sensível foi a terminação de suas relações de amizade com Nabuco. Esta ruptura, provocada por cartas violentas dirigidas a Nabuco contra a política pan-americana, à qual êste se dedicava, e contra a amizade com os Estados Unidos, está registada nas duas últimas cartas que Nabuco lhe dirigiu de Washington.*

Brighton, 14 de outubro  
de 1882.

Meu caro sr. Oliveira Lima,

Deixe-me agradecer-lhe a honra que me fêz, não só estampando o meu retrato na sua interessante revista, o « Correo do Brazil », como também escrevendo a minha biografia. Acham-me para político moço demais; o que dirão porém quando virem que o meu biógrafo é um jornalista da sua idade? O seu juízo a meu respeito é apenas uma tradução da sua simpatia. Mal sabia eu que, no menino que me dava tôdas as notícias da última hora, estava um botão de jornalista a desabrochar a tôda pressa voltado para o sol da pátria!

Deixe-me todavia retificar um ponto do seu benévolo artigo sôbre êste seu comprovinciano: o meu destêrro em Londres não é voluntário. Se se pode chamar destêrro, sem ser figuradamente a saída da pátria, por algum tempo, êsse destêrro me foi impôsto por circunstâncias inteiramente alheias à minha vontade. Não estou aqui representando para com a escravidão o papel de Victor Hugo para com o Segundo Império, nem o de Ruiz Zorrilla para com a monarquia dos Bourbons. Estou simplesmente tratando de ganhar a vida e sou apenas um emigrado (o que é tão comum neste século), que procura no estrangeiro — não adquirir fortuna, porque não tenho faculdade alguma mercantil, — mas sòmente trabalhar num meio favorável ao emprêgo e ao desenvolvimento das faculdades que possui. Todo o campo

da luta pela vida no Brasil está infelizmente dominado pela escravidão, e eu tornei-me seu mortal inimigo.

Não vá agora cometer a indiscrição de publicar esta carta. Nos jornalistas, assim como nos colecionadores, não se pode confiar, e o sr. Oliveira Lima apesar de muito novo, já mostra conhecer tôdas as artes da profissão. Acho muito bem feita tôda a parte noticiosa do periódico e se essa fôsse mais desenvolvida e os intervalos da publicação certos e mais curtos, o seu jornal podia dar as últimas notícias do Brasil aos brasileiros na Europa.

Aceite os meus agradecimentos e creia-me com verdadeira simpatia seu

Comprovinciano, colega e amigo

JOAQUIM NABUCO.

### *Ao visconde de Paranaguá*

*João Lustoso da Cunha Paranaguá, visconde e depois marquês de Paranaguá, era nessa ocasião presidente do Conselho. Magistrado, deputado, senador, conselheiro de Estado, fôra ministro diversas vêzes e dirigira a pasta da Guerra durante a guerra do Paraguai em 1866 e 67.*

Londres, 6 de novembro de 1882.

Exm.º Snr. Conselheiro Paranaguá.

Como cidadão brasileiro julgo do meu dever chamar a atenção de V. Ex. para um edital do juízo da provedoria de Valença, datado de 22 de setembro de 1882 e assinado pelo escrivão Gaudêncio Cesar de Mello. Esse edital, que foi publicado no «Jornal do Commércio» de 7 de outubro chama propostas para uma praça de escravos e *ingênuos*, em que africanos de menos de cinqüenta anos (quando a lei de 7 de novembro de 1831 *nunca revogada* tem cinqüenta e um) figuram ao lado de escravos de *dez anos* (quando a lei de 28 de setembro de 1871 já tem onze anos), e de *ingênuos até de dias*, assim postos em arrematação como se esta última lei não tivesse sido registrada